

Mulheres na arquitetura moderna: as colaborações práticas e teóricas de Alison Smithson

Larissa Morgana Leão Silva de Sousa^{1*}

¹Professora de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. Doutoranda em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. (*Autora correspondente: lmleao01@gmail.com)

Histórico do Artigo: Submetido em: 05/05/2024 – Revisado em: 06/07/2024 – Aceito em: 01/09/2024

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória da arquiteta britânica Alison Smithson (1928-1993) e suas contribuições para a crítica da arquitetura moderna sob a perspectiva das questões de gênero, relevantes para a compreensão das dificuldades e apagamentos sofridos pelas mulheres arquitetas ao longo do século XX. Alison Smithson foi um nome importante do Brutalismo europeu junto ao de seu marido, Peter Smithson, com quem frequentemente compartilhava a autoria de projetos e publicações. O estudo tem como objetivo principal o resgate da individualidade da produção de Alison Smithson, e como objetivo secundário a promoção de uma reflexão sobre a participação feminina na consolidação da arquitetura pós-moderna e o condicionamento da ocupação desses espaços pela presença de uma figura masculina coadjuvante. Inicialmente, o artigo busca observar a trajetória individual de Alison Smithson, sua formação, experiência e publicações, para destacar seus méritos enquanto arquiteta independente. Em um segundo momento, é realizada a análise da obra construída, tendo como objeto de estudo a Escola de Hunstanton (1950-1954), projeto fruto de um concurso de arquitetura vencido pelo casal e um de seus trabalhos mais significativos. Por fim, também é analisada a participação de Alison no projeto de um *mat-building* para o Kuwait, no intuito de observar suas ideias e colaborações dentro do projeto e perceber quais seriam seus principais interesses e aptidões individuais.

Palavras-Chaves: Arquitetura moderna, Brutalismo, Feminismo, Alison Smithson, Team X.

Women in modern architecture: practical and theoretical collaborations by Alison Smithson

ABSTRACT

This article analyzes the trajectory of British architect Alison Smithson (1928-1993) and her contributions to the critique of modern architecture from the perspective of gender issues, which are relevant for understanding the challenges and erasure faced by women architects throughout the 20th century. Alison Smithson was an important figure in European Brutalism alongside her husband, Peter Smithson, with whom she often shared authorship of projects and publications. The primary objective of this study is to reclaim the individuality of Alison Smithson's work, and the secondary objective is to promote a reflection on the role of women in the consolidation of postmodern architecture and the influence of a male counterpart in these spaces. Initially, the article seeks to examine Alison Smithson's individual trajectory, including her education, experience, and publications, in order to highlight her merits as an independent architect. In a second phase, the analysis focuses on her built work, with a case study of the Hunstanton School (1950-1954), a project resulting from an architecture competition won by the couple and one of their most significant works. Finally, the article also examines Alison's involvement in the design of a mat-building for Kuwait, aiming to observe her ideas and contributions within the project and to identify her primary interests and individual strengths.

Keywords: Modern architecture, Brutalism, Feminism, Alison Smithson, Team X.

1. Introdução

A cultura da modernidade representou uma reinvenção de valores em diversos âmbitos, tais como a arte, a moda e a arquitetura. O rompimento com os costumes do tradicionalismo patriarcal, até então hiperfocado na família e no lar, abriu portas para que, progressivamente, as mulheres conquistassem seu próprio espaço na

Sousa LMLS. Mulheres na arquitetura moderna: as colaborações práticas e teóricas de Alison Smithson. *Revista Universitária Brasileira*. 2024;2(2):72 – 81.



sociedade. Tal processo se deu de forma lenta, a custo de bastante luta e reivindicações por coletivos feministas e grupos sociais. Na Europa, o início do século XX trouxe conquistas como o direito ao voto feminino e o acesso integral das mulheres à educação superior, passos importantes para o reconhecimento das mulheres como cidadãs com direitos e deveres compatíveis aos masculinos. Na prática, ainda havia obstáculos a superar, frequentemente impostos pelas instituições ou mesmo pelas famílias. Contudo, tais avanços representariam passos importantes para a formação da figura da mulher moderna, cada vez mais social e livre.

Carmen Espegel¹ destaca o papel da década de 1920 na construção dos novos parâmetros da mulher moderna, em uma revolução que se inicia pela adoção de um vestuário mais leve e prático, com peças mais relaxadas e esportivas, que permitiriam uma inclinação à liberdade de movimento. O novo guarda-roupas seria seguido pelos cortes de cabelo *à la garçonne*, pela liberdade de dirigir automóveis, beber e fumar. No entanto, alguns autores da historiografia – o que inclui a própria Espegel – são firmes em apontar que esta liberdade só existiria em algumas condições específicas, “clichês” fabricados para simular uma apropriação do mundo moderno pelas mulheres.

Apesar disto, é reconhecível o crescimento da participação feminina nas atividades profissionais neste período, indicado por Espegel como sendo talvez o parâmetro mais importante da modernidade no século XX. Com a ruptura do confinamento do gênero feminino ao artesanato e à domesticidade, cresce o movimento de assumir o papel de protagonista – ou ao menos participante ativa – na indústria do trabalho.

Esta liberdade recém-adquirida sofre momentos de retraimento, em especial com o avanço do conservadorismo e a retomada da ênfase nos papéis de gênero com o advento da Segunda Guerra Mundial. A conquista de direitos leva ao crescimento do número de universitárias e diplomadas, o que resulta na formação de mulheres arquitetas, sendo a arquitetura até então uma área predominantemente masculina, mas o preconceito de gênero frequentemente confina a participação dessas arquitetas ao projeto de cozinhas e ambientes relacionados aos afazeres domésticos. Com o passar dos anos, as mulheres se envolvem cada vez mais em projetos de interiores, atribuição vista como “menos nobre” que o projeto arquitetônico em si. É neste contexto que se popularizam as parcerias entre casais de arquitetos, com o marido encarregado da arquitetura, dotado de maior responsabilidade técnica e domínio construtivo, e a esposa incumbida do projeto de interiores, de efeito predominantemente estético e decorativo.

Em sua obra, Espegel indica algumas parcerias desta natureza:

Margaret MacDonald (Charles Rennie Mackintosh), Anna Muthesius (Hermann Muthesius), Lilly Reich (Mies van der Rohe), Truus Schröder (Gerrit Thomas Rietveld), Marlene Poelzig (Hans Poelzig), Grete Schütte-Lihotzky (Ernst May), Charlotte Perriand (Le Corbusier e outros), Eileen Gray (Jean Badovici), Rashel Moiseevna Smolenskaya (Nikolai Ladovsky), Karola Bloch (Auguste Perret), Aino Marsio Aalto (Alvar Aalto), Lotte Stam-Beese (Mart Stam), **Alison Smithson (Peter Smithson)**, Ray Eames (Charles Eames), Kaija Siren (Heikki Siren), Carmen Portinho (Affonso Eduardo Reidy), Franca Helg (Franco Albini) ou Clara Porset (Luis Barragán), estas são algumas das poucas mulheres que intervíram como autoras históricas na industrialização da arquitetura, **apesar de seus trabalhos terem sido eclipsados, sem exceção, pelos prestigiosos nomes de seus companheiros ou mentores**, indicados aqui entre parênteses².

Aqui cabe questionar a inserção da arquiteta Alison Smithson entre os demais nomes mencionados, dado que a autora afirma que houve um desprestígio dos trabalhos de cada uma das mulheres citadas devido às coautorias masculinas. De fato, esta era uma prática comum na época em questão, como já foi mencionado. Contudo, percebe-se um esforço de ordem equitativa na atribuição de créditos do casal Smithson, que sempre assinava suas obras conjuntamente, com o nome da esposa pontuado primeiro: Alison e Peter Smithson. Alguns dos trabalhos de ordem teórica foram apenas assinados por Alison: *O Team 10 Primer* (1963), o livro *AS in DS: An Eye on the Road* (1983), além do romance *A Portrait of the Female Mind as a Young Girl* (1966).

Em uma rápida observação das colaborações teóricas e práticas do casal Smithson, e mesmo em análise das assinaturas dos croquis e diagramas dispostos em suas publicações, sugere-se uma participação equilibrada.

Em alguns casos, uma ideia é apresentada de forma mais primária por Alison, por meio de um esboço, para então ser desenvolvido com maiores detalhes por Peter, e vice-versa. O que se pode perceber é um processo criativo compartilhado, ideias representadas no próprio fazer arquitetônico para então amadurecerem, seja em projetos ou utopias urbanas. O que Alison e Peter demonstram, de forma talvez inovadora para o período, é uma verdadeira parceria entre um casal de arquitetos na construção de um legado.

Este artigo foi elaborado a partir de publicações dos Smithson e autores terceiros onde foram especificadas as colaborações de cada um deles, escritos sobre práxis e teoria da arquitetura e do urbanismo. Em uma análise dessas assinaturas, buscou-se obter respostas para inquietações acerca da efetiva participação de Alison Smithson nas obras publicadas, de modo a julgar o suposto pioneirismo da arquiteta enquanto ocupante de espaços tão prestigiados para a arquitetura do século XX. Para a análise, foram observados especialmente os trabalhos compartilhados pelos arquitetos, a fim de melhor observar a problemática estudada.

2. Desenvolvimento

O desenvolvimento do texto divide-se em três partes. A primeira parte, *Alison Margaret Gill: arquiteta moderna*, trata brevemente da biografia da arquiteta em seus anos iniciais, sob seu nome antes do casamento. O tópico busca observar o contexto da formação da arquiteta em um período pouco convidativo para a atuação feminina na área, traçando um panorama geral que inclui a participação de suas contemporâneas na arquitetura moderna. Também são observados aspectos que individualizam a prática de Alison Smithson em termos da sua formação universitária, de modo a observar eventuais forças e influências que balizaram a formação de uma identidade arquitetônica.

A segunda parte do texto, *A Escola de Hunstanton (1950-1954)*, revisa o primeiro projeto de relevância do casal, episódio importante da arquitetura dos Smithson por representar uma espécie de manifesto do Novo Brutalismo e por seu destaque midiático, veiculado em revistas como a *The Architectural Review*. A escolha deste projeto para a análise é apoiada por diversos registros iconográficos, além de possibilitar novas interpretações pelo fato de Peter Smithson ter redigido um artigo a respeito do projeto onde detalhou as contribuições individuais da esposa. A análise crítica é apoiada por materiais disponibilizados pelos próprios arquitetos, bem como colaborações advindas de fontes tais como livros e artigos de autoria de terceiros. A adição da recepção desta arquitetura por parte da crítica tem como objetivo acrescentar uma camada nesta análise, que é a recepção das práticas dos Smithson pelos especialistas, não desconsiderando a lente da observação das questões de gênero.

A terceira e última parte, *Esquemas urbanos: proposta para o Kuwait*, observa o material criado por Alison Smithson para o urbanismo pós-Segunda Guerra, disposto em livros e artigos de arquitetura e urbanismo publicados por ela e Peter Smithson. É destacada especialmente a produção de um *mat-building* para a cidade histórica no Kuwait, dado seu engajamento na esquematização e representação da proposta, cujo tema se repetiria pouco mais tarde em seu artigo *How to recognise and read mat-building* (1974). Este é um projeto representativo por ser o primeiro passo para a conquista de uma maior independência em sua prática projetual, com a realização de diversos projetos individuais ao longo dos próximos anos. Ao selecionar episódios com maior participação de Alison, pretende-se tornar possível estabelecer relações entre suas ideias e colaborações práticas, sua força criativa e inquietações acerca do campo de estudo.

2.1 Alison Margaret Gill: arquiteta moderna

Alison Gill nasceu na cidade de Sheffield, em Yorkshire, Inglaterra, em 22 de junho de 1928, tendo como pai o diretor da Escola de Artes de South Shields do período de 1929 a 1950. Ela frequentou a Escola de Arquitetura da Universidade de Durham, em Newcastle (*King's College School of Architecture*) entre 1944 e 1949, onde se graduou com distinção. Seu projeto final foi de um museu para o *South Bank* de Londres. No

mesmo curso de arquitetura, viriam a se formar nomes como Terry Farrell (1961) e as arquitetas do coletivo feminista Matrix (1975-1979).

Como pontuado anteriormente, as mulheres só teriam conquistado o direito ao acesso integral às universidades alguns anos antes. Estima-se que a primeira arquiteta formada na Europa tenha sido a alemã Emilie Winkelmann, que iniciou seus estudos em Hanôver em 1901. Na Inglaterra, um dos primeiros nomes femininos conhecidos pela historiografia da arquitetura é o de Elisabeth Scott (1898-1972), advinda de uma família que já contava com figuras importantes da arquitetura inglesa. Scott foi uma das primeiras mulheres a serem admitidas na *Architectural Association School of Architecture (AA School)* em Londres, a mais antiga escola privada de arquitetura do Reino Unido, tendo iniciado seus estudos no ano de 1919 e os concluído em 1924. Ainda em 1928, após ter seu projeto selecionado para um concurso internacional de arquitetura para o prédio do *Shakespeare Memorial Theatre* em Stratford-upon-Avon, foi alvo de manchetes sensacionalistas que chamavam crescente atenção para o seu gênero³.

Para fins de contextualização histórica, é interessante notar que apenas em 1963 seria fundada a União Internacional de Mulheres Arquitetas em Paris. A organização foi criada devido à impossibilidade de admissão feminina na União Internacional de Arquitetos, justificativa que aponta para as dificuldades enfrentadas pelas profissionais em busca de seu reconhecimento e espaço na área. Este marco histórico corrobora com a tese de ainda prevalecer uma forte resistência à presença feminina no campo na Europa Ocidental mesmo décadas afundo do século XX, quando a arquitetura já consolidava sua produção tardo-moderna.

Após finalizar sua graduação, Alison se mudou para Londres para trabalhar no departamento de arquitetura do Conselho do Condado (LCC – *London County Council*), junto a Peter Smithson (1923-2003), colega da mesma universidade, com quem se casou ainda em 1949. O casal trabalhou no LCC por quase um ano antes de abrir seu próprio escritório, iniciando assim sua prática conjunta. “Eles se casaram na graduação e mantiveram uma parceria pessoal e profissional por mais de 40 anos. De fato, eles são tão únicos na arquitetura que são referidos como se fossem uma só entidade”⁴. É esta a frase que introduz o artigo sobre Alison e Peter Smithson na web página da universidade onde se formaram, listados entre ex-alunos notáveis. A Figura 1 mostra Alison Smithson no início de sua prática profissional.

Figura 1 – Fotografia de Alison Smithson (c. 1949).
Figure 1 – Photograph of Alison Smithson (c. 1949).



Fonte: Riposte Magazine (2017).
Source: Riposte Magazine.

Alison foi tema de um dos ensaios publicados para o *Dangerous Women*, projeto da Universidade de Edimburgo que reúne relatos sobre figuras femininas proeminentes. Nele, a autora Kate Schneider⁵ relata algumas das percepções sobre a arquiteta que encontrou ao longo de sua pesquisa na Universidade de

Cambridge sobre o Novo Brutalismo. Schneider relata que pesquisar a vida e obra de Alison Smithson foi uma tarefa difícil dado o contexto que envolve a arquiteta, historicamente propenso a lhe excluir. Essa situação é agravada pela relação próxima de Smithson com o Brutalismo, um estilo que viria a levantar tantas polêmicas no imaginário popular contemporâneo.

A pouca popularidade resultante desta equação leva a um certo apagamento de Alison Smithson em relação a alguns de seus contemporâneos, e uma relativa escassez de materiais com informações de fato inéditas a respeito de sua produção. Como já constado anteriormente, apesar das publicações independentes de Smithson, a historiografia tende a trazê-la sempre atrelada à figura de seu marido, coadjuvante na grande maioria dos estudos a seu respeito.

De acordo com Schneider, Smithson é referida na literatura como uma pessoa fechada, caprichosa, estridente, o que sugere que a arquiteta era percebida como ameaçadora por não demonstrar passividade e se impor em seu meio. Traçando um paralelo com o Brutalismo, Schneider observa que valores inerentes à arquitetura brutalista como austeridade e frieza, atributos que sugerem grandeza e sublimidade em esferas masculinas, trazem desconforto quando associados a personalidades femininas. Por mais que não sejam conhecidos relatos diretos de Smithson a respeito das dificuldades e obstáculos que podem ter surgido devido ao gênero em sua trajetória profissional, ela não passa alheia pelos questionamentos feministas. Em seu romance, *Portrait of the Female Mind as a Young Girl* (1966), Alison trata o tema da falta de oportunidades para as mulheres e legítima o desejo feminino de seguir aspirações pessoais para além do ambiente doméstico.

Alison Smithson era capaz de trazer um olhar próprio do feminino às suas leituras e seu trabalho, unindo sua experimentação no campo e sua vida familiar e doméstica. Seus filhos fazem parte de suas fotografias, mostrando a vida e a apropriação dos espaços projetados. Seu livro *AD in DS* também carrega registros de toda a família, por meio de fotografias e desenhos. Como colocado por Schneider, na obra da arquiteta, “o ordinário recebe atenção”⁶.

2.2 A Escola de Hunstanton (1950-1954)

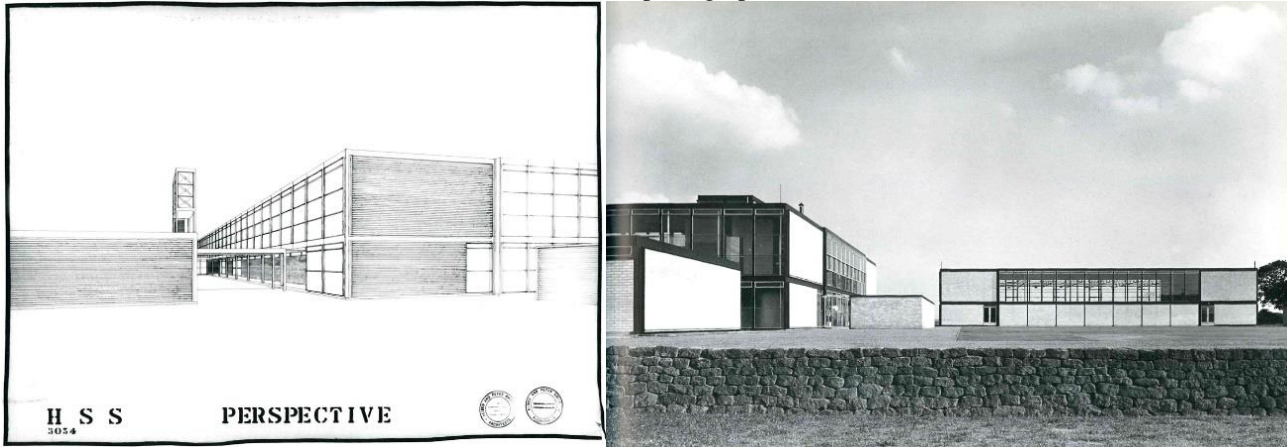
As trajetórias de Alison Gill e Peter Smithson se entrelaçaram tão cedo que são escassos os registros que os tratam individualmente. Com o casamento, nasceu o nome Alison Smithson, e através dele o mundo foi introduzido à sua arquitetura. O primeiro projeto de grande visibilidade elaborado pelo casal foi a Escola de Hunstanton, vencedor de um concurso de 1950 para uma escola moderna em Norfolk, quando Alison tinha apenas 21 anos. Em *The charged void: Architecture* (2001), os arquitetos relatam que a forma da escola foi resolvida pelo estudo das necessidades educacionais e requerimentos formais do projeto. O salão seria o coração da escola, fluindo livremente para as entradas e refeitórios, em um agrupamento espacial que resulta em uma solução compacta e econômica⁷.

A proposta divide o programa em blocos intervalados por pátios abertos, solução alinhada com o tratamento espacial normalmente ofertado pela arquitetura humanista^a para a promoção de interação e coletividade em prédios escolares. A escola preza por volumes puros, ortogonais, de um a dois pavimentos, com vãos generosos dado o uso da estrutura de aço. Grandes panos de vidro exploram a transparência como recurso para o tratamento da relação entre ambientes internos e externos, além de revelar com clareza a distribuição estrutural (Figura 2).

^a Alison e Peter Smithson estiveram entre os precursores da arquitetura humanista. Este movimento teve sua emergência no contexto pós-Segunda Guerra, com a reconstrução de cidades europeias, e reforçava a retomada das relações entre pessoas intermediada pelo espaço construído.

Em um artigo para a Revista Arq (1997), Peter Smithson⁸ atribuiu a ideia do sistema estrutural a Alison, que já tinha utilizado o sistema adaptado Hills em projetos da divisão escolar do Conselho do Condado de Londres (LCC). Ele afirma que a familiaridade de Alison com o sistema possibilitou que detalhassem o projeto de Hunstanton com formas tão esbeltas, reduzindo o uso do aço ao mínimo. Juntos, fizeram todos os desenhos técnicos, inclusive os de encanação e drenagem, que haviam aprendido a elaborar no curso de arquitetura. Ao revelar este fato, Peter Smithson sugere o domínio de sua esposa sobre os aspectos técnicos da construção, indo contra o mito da limitação da mulher arquiteta às esferas domésticas do projeto arquitetônico.

Figuras 2 – Perspectiva e fotografia da Escola de Hunstanton.
 Figure 2 – Perspective and photograph of Hunstanton School.



Fonte: Smithson e Smithson (2001).
 Source: Smithson and Smithson.

A escola teve uma boa recepção geral pela crítica, e indicou uma boa aceitação da arquitetura moderna pelas autoridades públicas britânicas no pós-guerra. Em 1954, ano de sua inauguração, a Escola de Hunstanton foi abordada em um artigo do arquiteto americano Philip Johnson para a revista *The Architectural Review*. No artigo, Johnson⁹ se mostra positivamente impressionado com o sistema de escolha de projetos de prédios públicos na Inglaterra se dar então por concursos arquitetônicos, o que possibilitaria a participação de arquitetos com pouca notoriedade no cenário da profissão.

Ao longo do texto, o arquiteto americano também aponta as similaridades do projeto com o repertório formal de Mies Van der Rohe, no intuito expresso nas entrelinhas de se fazer muito com pouco, dado o orçamento limitado disponível. Peter Smithson afirmou ter conhecido o trabalho de Mies por meio de recortes de revistas enviados por Alison, ainda na década de 1940, o que indica a familiaridade do casal com a expressão formal do arquiteto já no período do concurso de Hunstanton.¹⁰

Em seu artigo, Philip Johnson também destaca a verdade material presente no projeto ao afirmar que em Hunstanton cada um dos elementos é exatamente o que parece ser, servindo simultaneamente a finalidades estruturais e estéticas. É justamente essa verdade material que teria inspirado o Novo Brutalismo, termo cunhado por Alison antes da apropriação para o que seria uma arquitetura do concreto.

É uma tarefa difícil separar as ideias de Alison Smithson de sua produção prática, pois estes dois domínios se desenvolvem um como produto do outro, em uma constante interpretação crítica do fazer arquitetura. Outros projetos de arquitetura seguem a Escola de Hunstanton no portfólio do casal Smithson, boa parte deles não construídos, no entanto se destaca a vasta produção pensada para a reconstrução das cidades no pós-guerra. Aqui adentraremos o segundo tópico deste estudo, com uma abordagem que tem como foco as análises urbanas realizadas por Alison Smithson a partir da década de 1950. Estas análises amadureceriam sua leitura do urbanismo do século XX, o que teria implicações na sua própria prática profissional.

2.3 Esquemas urbanos: proposta para o Kuwait

O tema da reconstrução das cidades europeias pós-guerra era frequentemente explorado por arquitetos humanistas, em casos dentre os quais podemos citar os playgrounds de Aldo Van Eyck, pensados para trazer vida a áreas destruídas pelos bombardeamentos. Nos estudos urbanos de Alison e Peter, suas ideias são representadas desde simples diagramas a detalhados planos utópicos. O livro *Urban Structuring: studies of Alison & Peter Smithson* (1967), publicado por Alison, carrega diversos registros de estudos urbanos desenvolvidos pelos dois ao longo dos anos. Pode-se citar casos como a observação da dinâmica do bairro londrino de Bethnal Green e os estudos de mobilidade, tema onipresente ao longo do livro, observado em esquemas para a Universidade de Sheffield, Berlim e Londres.

De fato, boa parte da trajetória de Alison Smithson como arquiteta parte da observação e análise das relações entre edifícios, cidades e pessoas. Enquanto participante do Team X, Alison se mantinha ativa com publicações na revista *Architectural Design*, onde publicou textos importantes como o *Team X Primer* (1962) e o artigo *How to recognise and read mat-building* (1974).

Os estudos dispostos no livro de 1967 aparecem novamente no livro *The Charged Void: Urbanism* (2005), que acrescenta tópicos com projetos da atuação tardia de Alison e Peter. Ampliando seus limites para além do recorte eurocêntrico do predecessor, o livro inclui outras regiões e continentes, e assim lida com novos desafios de ordem climática, cultural e geográfica. São dispostos estudos urbanos para áreas como o Kuwait, Jerusalém, Teerão, Cairo e Hong Kong.

Um dos tópicos mais relevantes para este estudo é o *Neutrality* (1968-72), onde é disposto o estudo e proposta de *mat-building* para o Kuwait. O projeto surgiu como uma tentativa de solucionar os problemas gerados pela acomodação de novos usos pela cidade histórica, que não se mostrava mais capaz de assimilar as novas dinâmicas urbanas sem descaracterizar seu traçado urbano original.

É necessário lembrar que o termo *mat-building* foi cunhado por Alison Smithson, e publicado em período posterior ao projeto do Kuwait, no já citado artigo *How to recognise and read mat-building* (1974):

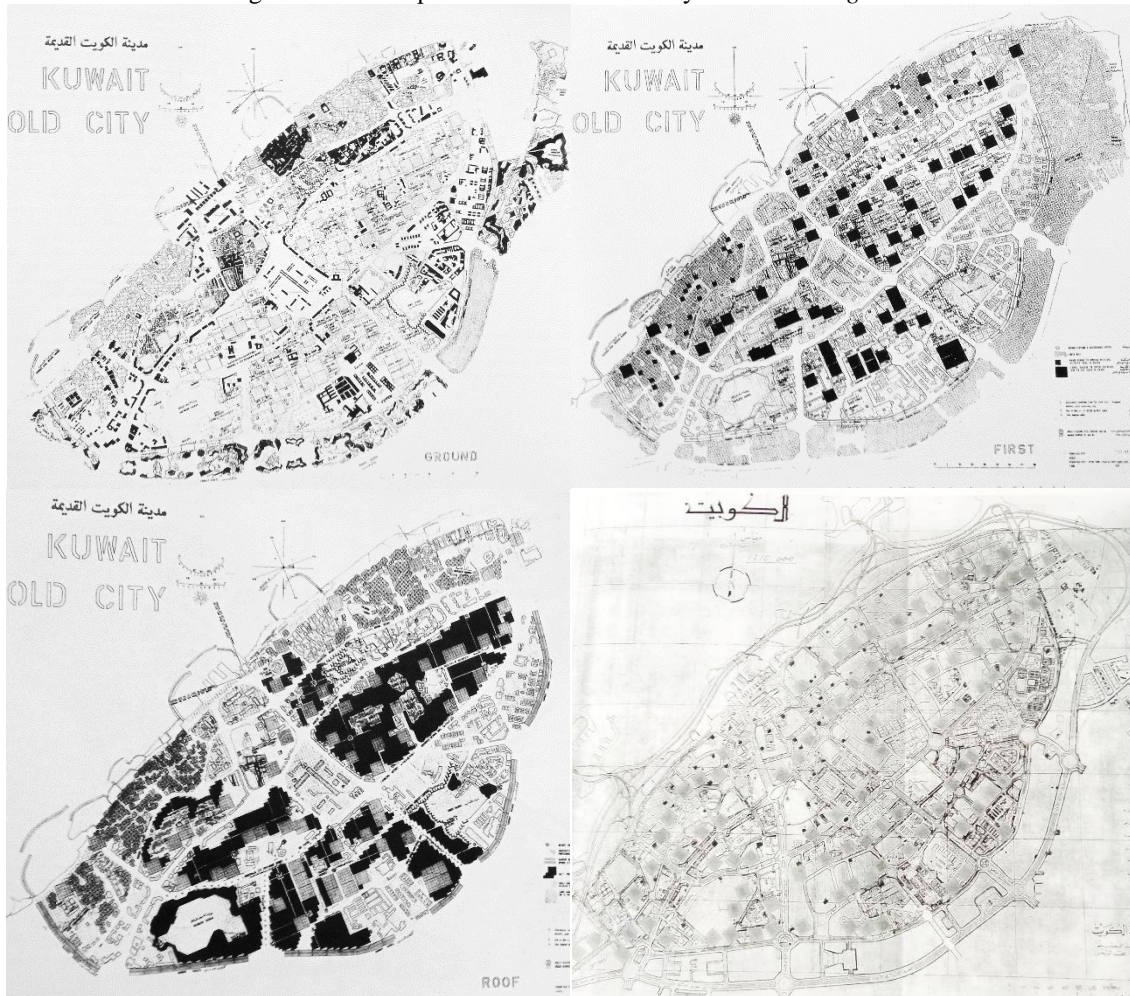
Pode-se dizer que o *mat-building* simboliza o coletivo anônimo; onde as funções chegam a enriquecer o tecido (urbano), e o individual ganha novas liberdades de ação por meio de uma ordem nova e embaralhada, baseada na interconexão, padrões unidos de associações e possibilidades de crescimento, diminuição e mudança.¹¹

É possível que justamente esse interesse de Alison pelos benefícios sociais e urbanos representados pelo *mat-building* a tenham levado a trabalhar com entusiasmo no projeto para o Kuwait, o primeiro que demonstra predominância de suas ideias. Em *The Charged Void: Urbanism*, a grande maioria dos desenhos e esquemas dessa proposta lhes são creditados, enquanto nos demais tópicos anteriores há uma colaboração equilibrada entre ela e o marido, com exceção apenas do Wokingham Infants School.^b

Como de costume, a proposta teve sua gênese em uma análise urbana. Neste estudo em particular, é citado o papel das vistas aéreas das cidades árabes para a compreensão por parte dos arquitetos de um perfil urbano tão distinto do que conheciam das cidades europeias, com uma releitura da espacialidade e na relação entre edifícios e ruas. A Figura 4 compila os três níveis do masterplan desenhado por Alison para a cidade histórica do Kuwait (térreo, primeiro pavimento e telhado), junto com a colagem do sítio urbano com o *mat-building*.

^b É possível que Alison Smithson tenha trabalhado sozinha neste projeto devido à sua experiência prévia com edifícios escolares no LCC, que foi bem aproveitada na concepção da Escola de Hunstanton, como mencionado anteriormente.

Figura 4 – Níveis do masterplan para o mat-building da cidade histórica do Kuwait.
 Figura 4 – Masterplan levels for the old city's mat-building for Kuwait.



Fonte: Smithson e Smithson (2005).¹²
 Source: Smithson and Smithson (2005).

Eles defenderam a criação de um tipo de estrutura celular para a acomodação de novas funções na cidade antiga, estabelecendo um novo padrão de volumes construídos e espaços abertos passíveis de extensão. Isso possibilitaria a incorporação de novas funções como universidades ou sedes governamentais. O edifício-tapete permitiria a transição entre o pré-existente e o novo, acomodando um programa diverso em uma megaestrutura. Seriam admitidos recortes para o exterior, conforme a cultura construtiva árabe, ao passo que se utilizariam soluções bioclimáticas para o conforto ambiental.

O engajamento de Alison Smithson em projetos individuais ou realizados em parceria com outros arquitetos que não Peter Smithson aumentou significativamente a partir da década de 1970. Em uma inspeção das autorias projetuais apontadas em *The Charged Void: Urbanism* (2005), o primeiro projeto creditado unicamente a Alison Smithson é o projeto de mobilidade intitulado *West Berlin Railway Yards* (1975-88),

seguido por outros quinze casos de propostas concebidas sem a participação de Peter Smithson^c. Este crescimento sugere um possível ganho de independência e senso de confiança, ou apenas divergência nos interesses de atuação, já que neste período Peter estava desenvolvendo trabalhos na Itália.

De toda forma, os esquemas urbanos desenvolvidos por Alison Smithson nesta fase tardia de seu trabalho dialogam com o experimentalismo e o espírito analítico que permeiam toda sua obra. Suas propostas perpassam diversas escalas, sugerindo desde intervenções pontuais a megaestruturas e planos urbanísticos, o que demonstra um verdadeiro domínio urbanístico e grande capacidade criativa.

É fato que diversas de suas propostas não passam pelo filtro da crítica contemporânea, que revisou ideias do urbanismo moderno que se mostraram pouco efetivas em sua aplicação, como é o caso das configurações de cidades pensadas para a escala do automóvel, pouco convidativas à vitalidade urbana. Contudo, suas colaborações teóricas e projetuais foram importantes para a construção da teoria da arquitetura como a conhecemos hoje. Em especial, a arquitetura e o urbanismo contemporâneo se beneficiaram com as ideias da abordagem humanista de sua produção, que chamou atenção para a experiência do usuário e a funcionalidade dos espaços como elementos centrais no planejamento urbano, paradigmas essenciais até a atualidade.

3. Considerações Finais

A trajetória de Alison Smithson na arquitetura reflete não apenas sua habilidade e criatividade, mas também sua resiliência em um campo tradicionalmente dominado por homens, ao romper com os estereótipos de gênero e buscar continuamente uma abordagem equitativa em suas colaborações. A relevância ainda atual de suas produções é testemunha de seu impacto duradouro na arquitetura e no urbanismo. No obituário de Smithson, a artista Mary Banham relata a grande capacidade imaginativa da arquiteta, que podia resolver facilmente problemas arquitetônicos que preocupavam seus colegas por semanas com flashes de genialidade.¹³

A produção de Alison Smithson merece maior investigação, dado que dispõe de diversos registros da própria arquiteta e de seu parceiro na documentação de décadas de seu trabalho. É dever da historiografia individualizar ao máximo suas colaborações, em especial de seu trabalho tardio, em que não houve participação de Peter Smithson. Deve-se reconhecer a entidade Alison e Peter Smithson, bem como Alison Smithson por si só, na grandeza e no mérito de suas próprias ideias e contribuições, de modo a destacar a genialidade de uma figura tão significativa para a arquitetura do século XX; e o fato dela ser uma mulher.

4. Referências

1. ESPEGEL C. *Women Architects in the Modern Movement*. 1^a ed. Abindgdon: Taylor & Francis Group; 2018.
2. Op. Cit., p. 65. Tradução minha. Grifos meus.

^c Individuais: *West Berlin Railway Yards* (1975-88), Adalbergstrasse de Berlim (1975), *Greening of Glasgow* (1976), Parc de la Villette em Paris (1981-82), Segunda Politécnica de Hong Kong (1982), Lambeth Palace em Londres (1984), Fábrica Tecta Mobel em Lauenförde (1989-90), The Calm Place of Güt Baba em Budapeste (1987), Wild Wege/Wild Ways, Berlim (1988), Montanhas Mágicas de Melbourne (1979-80), Rackéve na Hungria (1985) e Danube em Budapeste (1990). Projetos em parceria: conexão urbana em Worcester (1977) com John Melvin e Raun Thorp; Damascus Gate em Jerusalém (1979, 1981-83) em parceria com Lida Papadopolou; o habitacional Lutzowstrasse em Berlim (1980), junto a Amanda Marshall e Peter Salter, e o projeto de cortiços do século 21 em Glasgow (1984) junto a Louisa Hutton.

3. The Architect's Journal. Who was Elisabeth Scott? 2015. architectsjournal.co.uk/news/who-was-elisabeth-scott. Acessado em 30 de julho de 2024.
4. Newcastle University. Alison and Peter Smithson. ncl.ac.uk/apl/alumni/graduates/alison-peter-smithson/. Acessado em 01 de agosto de 2024.
5. Schneider K. Alison Smithson: Dangerous Woman. Dangerous Woman Project 2016. dangerouswomenproject.org/2016/07/28/alison-smithson/. Acessado em 02 de agosto de 2024.
6. Op. Cit.
7. SMITHSON A, SMITHSON P. *The charged void: Architecture*. 1ª ed. Nova York, NY: The Monacelli Press; 2001.
8. SMITHSON P. Reflections on Hunstanton. *Arq: Architectural Research Quarterly*. 1997;2:32-43.
9. JOHNSON P. School at Hunstanton, Norfolk. *The Architectural Review*. 1954:148-162.
10. SMITHSON P. Reflections on Hunstanton. *Arq: Architectural Research Quarterly*. 1997;2:32-43.
11. SMITHSON A. How to recognize and read Mat-Building. *Architectural Design*. 1974:573.
12. SMITHSON A, SMITHSON P. *The charged void: Urbanism*. 1ª ed. Nova York, NY: The Monacelli Press; 2005.
13. BENHAM M. Obituary: Alison Smithson. The Independent 1993. Disponível em: independent.co.uk/news/people/obituary-alison-smithson-1462016.html. Acessado em 02 de agosto de 2024.